

IMAGENS LATINO-AMERICANAS

(Editorial)

*As imagens tomam parte do que os pobres mortais inventam para registrar seus tremores (de desejo e de temor) e suas próprias consumações.*

Didi-Huberman, 2012

Este número da *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação* é lançado em um momento em que nossa região se encontra especialmente convulsionada.

Chegam-nos imagens que mostram a alegria dos que despertam pedindo uma ordem mais igualitária e aparecem dançando y cantando nas ruas misturadas com outras que esfregam na nossa cara a violência dos que tentam expulsá-los, silenciá-los, tirá-los dali para que não se vejam. Chegam-nos imagens da fúria daqueles que não suportam que corpos que falam o idioma dos originários destas terras sejam escolhidos para ocupar espaços institucionais de hierarquia e, desde aí, distribuam o que lhes pertence a todos. Basicamente, corpos espancados, castigados com água, gases, paus; corpos fugindo diante a repressão dos que estão dispostos à eliminação do outro.

¿Como pensar essas imagens?

Inspirado em Walter Benjamin, Didi-Huberman (2010, p. 171) nos convida a considerar a dimensão crítica da imagem.

Por um lado, perturba o curso normal do rio (eis aí seu aspecto de catástrofe, no sentido morfológico do termo) e, por outro lado, faz ressurgir corpos esquecidos pelo rio ou pela geleira mais acima, corpos que ela ‘restitui’, faz aparecer, *torna visíveis* de repente, mas momentaneamente: eis aí seu aspecto de choque e de *formação (...)*.

As imagens que nos chegam de Nossa América reclamam uma acolhida crítica, que possa sentir sua catástrofe e que, ao mesmo tempo, permita o ressurgimento do que se achava esquecido, “torne visíveis” àqueles que se tenta apagar.

A força dessas imagens - capturadas por fotógrafos e cinegrafistas profissionais ou pelos celulares dos protagonistas - nos mostra, como nos ensinou Rancière (2009), quanto a estética está na base da política, dado que nosso mundo se põe em jogo no que permite ver y no que oculta ao olhar, na configuração móvel de visibilidades e invisibilidades que deixa em evidência o modo em que se partilha o sensível.

Esse modo de reparto do sensível é estético e, ao mesmo tempo, político, pois se constitui a partir de um determinado regime de distribuição dentro do comum. Essa partilha dirá a quem lhes corresponde ser parte do comum e a quem não, a quem lhes corresponde ser visíveis e a quem lhes correspondem olhos cegos, que não os veem; quem têm direito à palavra y para quem os ouvidos devem se fazer surdos. Não é outra coisa que o modo em que se produz essa partilha do sensível o que está em jogo na política como una forma de experiência.

Hoje, América Latina está pedindo atenção precisamente para as formas de distribuição dentro deste espaço e este tempo comuns; está pedindo desarmonizar as formas de reparto que transformaram em invisíveis às grandes maiorias. Ao mesmo tempo, está precisando que se protejam as novas formas de distribuição que foram inventadas em nosso continente para que aqueles que não tinham voz autorizada no espaço comum passassem a tê-la, mostrando ao mundo formas mais igualitárias de estarmos juntos.

Paulo Freire nos ensinou que o trabalho da educação consiste precisamente em possibilitar-nos uma leitura do mundo,

um espaço onde possamos pensar nossa forma de estar juntos nele. Para ele a educação implica "(...) um constante ato de desvelamento da realidade" (FREIRE, 2014, p. 97) e, portanto, um exercício sobre o que vemos e sobre como vemos.

Há algo que "nos olha no que vemos", afirma Didi-Hubermam (2010). E nessas imagens é possível senti-lo. Há aí algo que interrompe as visões comodamente instaladas, algo do que não podemos dar conta facilmente y que, embora, está aí, olhando-nos.

Nas imagens que nos chegam, Latino-américa nos olha a partir daquilo que faz aparecer, que torna visível y que nos obriga a repensar nossa forma de estar juntos nesta parte do mundo. Sentimos nosso olhar interrompido por essas imagens. Há algo nelas que demanda um trabalho sobre nossa forma de ver, um trabalho que é, necessariamente, político e educativo.

Hoje, América Latina nos olha e abre em nossa forma de ver una urgência.

Beatriz Fabiana Olarieta  
Coeditora  
*Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*

### Referências

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. 2º ed. São Paulo: 34, 2010.

\_\_\_\_\_. *Cuando las imágenes tocan lo real*. Conferencia realizada en el Museo de Arte Contemporáneo de Barcelona (MACBA), 2007. Disponible en: [https://www.macba.cat/uploads/20080408/Georges\\_Didi\\_Huberman\\_Cuando\\_las\\_imagenes\\_tocan\\_lo\\_real.pdf](https://www.macba.cat/uploads/20080408/Georges_Didi_Huberman_Cuando_las_imagenes_tocan_lo_real.pdf)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz y Terra, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. *El reparto de lo sensible*. Estética y política. Buenos Aires: Promete, 2014.